

Urupês e pré-sal: o que eles têm em comum?

Português

Enviado por: aquiasvalasco@seed.pr.gov.br

Postado em: 16/11/2009

Houve um tempo em que era proibido acreditar que o Brasil tinha petróleo. Apenas um homem acreditou e gritou alto que o Brasil tinha petróleo, Monteiro Lobato. Acreditou ao ponto de enfrentar duas prisões por isso. Saiba mais...

Urupês e pré-sal: o que eles têm em comum? Há vários fatores que influem na escolha de livros para as provas de Literatura Brasileira em processos seletivos às instituições de educação superior. Destaca-se a relevância literária, histórica e social das obras. E tão importante quanto isso é que sejam agradáveis de ler, que estimulem o gosto pela leitura. Os candidatos devem mostrar capacidade de compreensão e contextualização dos livros indicados e é justo que sejam recompensados também pelo prazer de lê-los. Um dos livros indicados para o processo seletivo deste final de ano por várias instituições, entre elas a UFPR e a UniBrasil, é Urupês, de Monteiro Lobato. É uma escolha feliz. Houve um tempo em que era proibido acreditar que o Brasil tinha petróleo. Apenas um homem acreditou e gritou alto que o Brasil tinha petróleo, Monteiro Lobato. Acreditou ao ponto de enfrentar duas prisões por isso. Foi também o homem que afirmou que “Um país se faz com homens e livros”, e provando a coerência de sua crença fundou a primeira editora brasileira, investindo seu próprio dinheiro. Este homem corajoso e idealista que iluminou a infância de gerações de brasileiros com seus livros infantis foi também um grande escritor para adultos. Urupês foi sua obra de estréia. Um livro de contos desencantados, irônicos, surpreendentes. São permeados de indignação, da santa ira de quem não aceitava o pior da condição humana, mas não deixava de ver também o seu lado engraçado. Alguns contos são cruéis como “A colcha de retalhos”, “A vingança da peroba”, “Bucólica”, “Bocatorra”, em que o horror e a morte parecem não nos deixar esperança. Outros são francamente jocosos, como “Pollice Verso” e “O comprador de fazendas”, com seus protagonistas inquietos e engraçados. O último conto é o que dá título ao livro; nele aparece pela primeira vez o Jeca Tatu, caboclo indolente e doentio, emblemático do Brasil rural do início do século passado, e que frequentaria outras vezes a obra lobateana. Monteiro Lobato não mostra a menor piedade ou condescendência com Jeca Tatu, retrata-o com raiva, a começar pela referência, urupê é um tipo de vegetal parasita. Lobato não perdoa seu personagem, ataca-o com fúria, culpa-o pelas suas próprias misérias, pelo comodismo, pela ignorância, pelo conformismo religioso e político. E ao fundo, o que nos parece maldade é na verdade amor, amor pelo ser humano manifestado por alguém que acreditava que devemos ser donos de nosso destino, e não aceitava o atraso e a desgraça. Urupês é um livro amargo, amargo e saboroso como um bom café do Vale do Paraíba. E é também inovador, usa linguagem simples e direta, com alguns recursos narrativos que anteciparam o modernismo. E agora, que parecemos estar no limiar de uma nova era de bonança e prosperidade, é conveniente que não nos esqueçamos do Jeca Tatu. Quando Urupês completar cem anos de publicação, em 2018, provavelmente teremos nos transformado em um país exportador de petróleo. A previsão de entrada de riquezas é imensa, mas devemos considerar a melhor maneira de usá-los. Passamos já por inúmeros ciclos extrativistas, pau-brasil, ouro, açúcar, cacau, borracha e outros; o que restou foram casarões em ruínas e imensas crateras, serras peladas e terras devastadas. Nesse novo ciclo precisamos ter o juízo que nos faltou no passado, investir em educação, em saúde, em criação de empregos, em justiça social. Não sejamos nós os

novos urupês. *Presidente da Comissão do Processo Seletivo Faculdades Integradas do Brasil
–UniBrasil. Fonte: <http://portal.rpc.com.br/>